

A blue-tinted photograph showing a cityscape in the foreground and a large mountain in the background. The mountain has several tall communication towers on its peak. The city below is densely packed with buildings and houses. The overall scene is bathed in a deep blue light, suggesting dusk or dawn.

Reconciliação entre a natureza e o morar
uma perspectiva guarani

MORAR

banca anterior....

Quais questões envolvem o morar?

Percorrendo as diferentes
abordagens do MORAR

Povos indígenas do Jaraguá

“**tekoha**” quer dizer “o lugar
onde somos o que somos”

O que significa pensar em
floresta e pensar em São Paulo?

relações com o lugar

- sentir-se pertencente
- espiritualidade
- política
- práticas tradicionais
- cultura
- relação com o coletivo

indígenas, ribeirinhos, lavadeira,
catadores de carnaúba

SUMÁRIO

- mapa situando os povos guaranis.....5
- breve histórico do Jaraguá.....11
- contexto urbano..... 15
- espacialidade da aldeia 17
- arquitetura 25
- relação com a terra 34
- considerações..... 40
- proposta 41

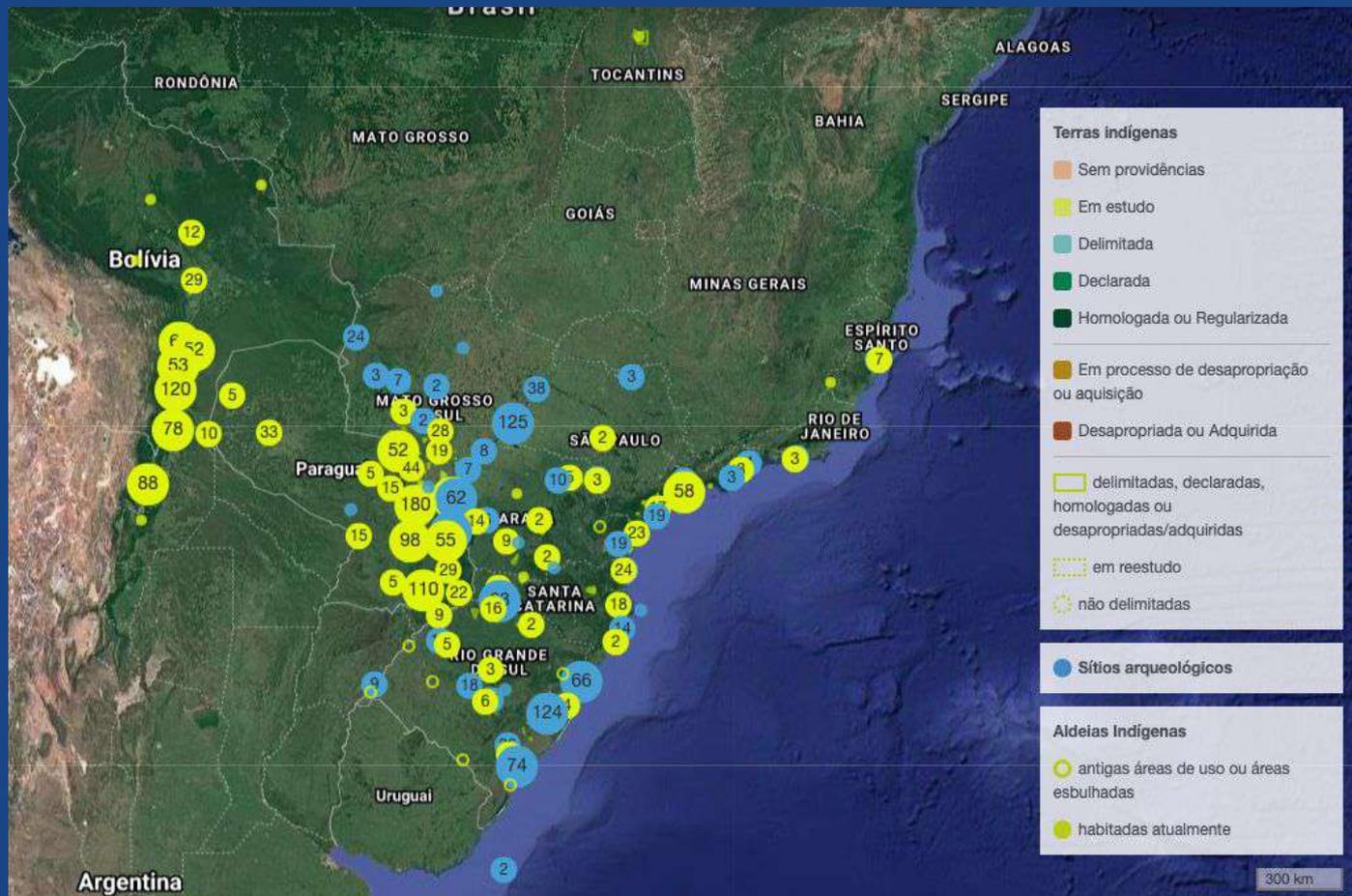
Mapa situando os povos guaranis na américa latina



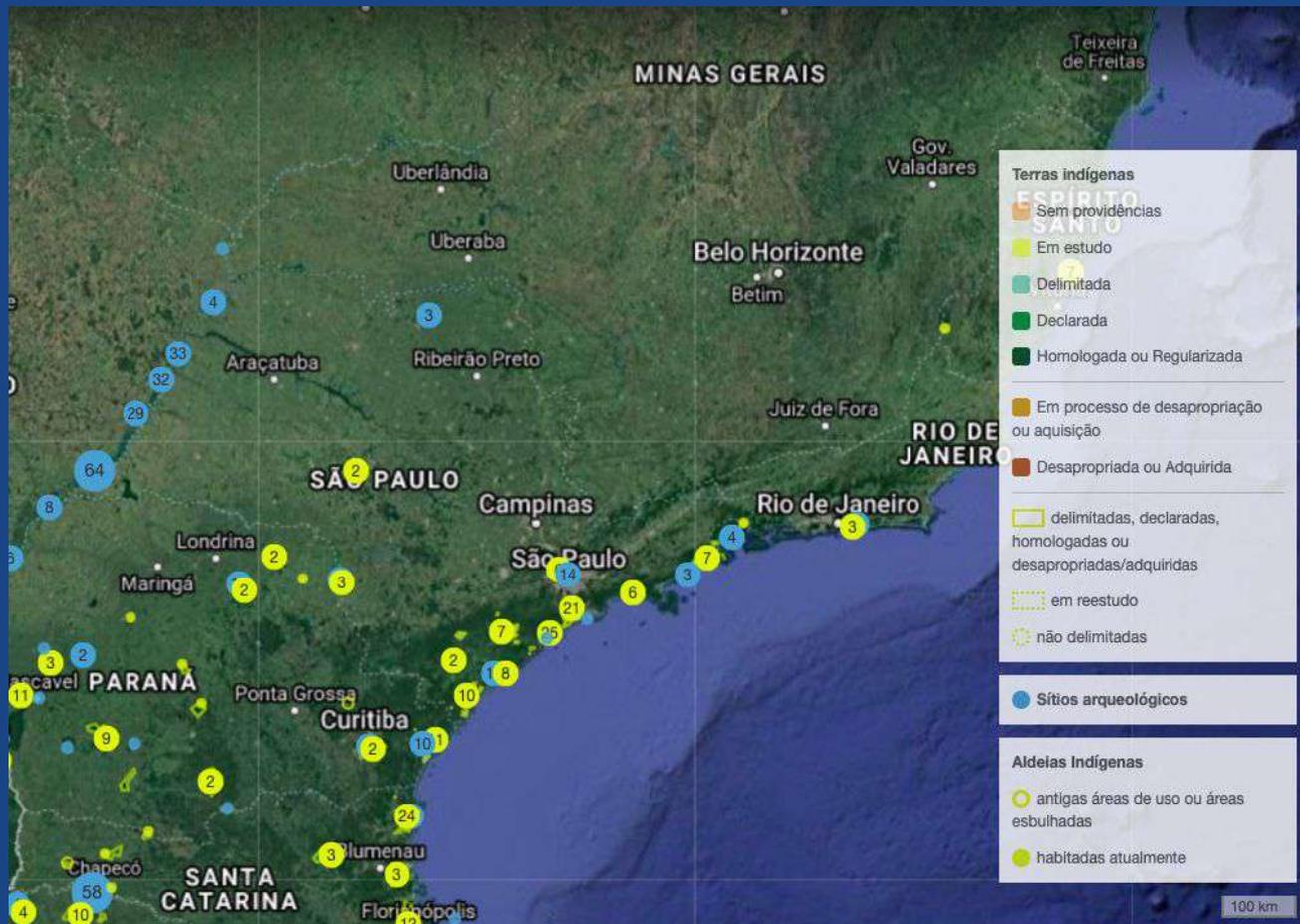
Os povos Guarani, presentes em diversas regiões da América Latina (Bolívia, Paraguai, Argentina e Brasil), três grandes grupos: Nhandeva, Kaiowá e Mbya.

Segundo levantamento do Mapa Guarani Continental feito em 2016, a população Guarani é de quase 300.000 indivíduos; 54.825 na Argentina, 61.701 no Paraguai, 83.019 na Bolívia e 85.255 no Brasil.

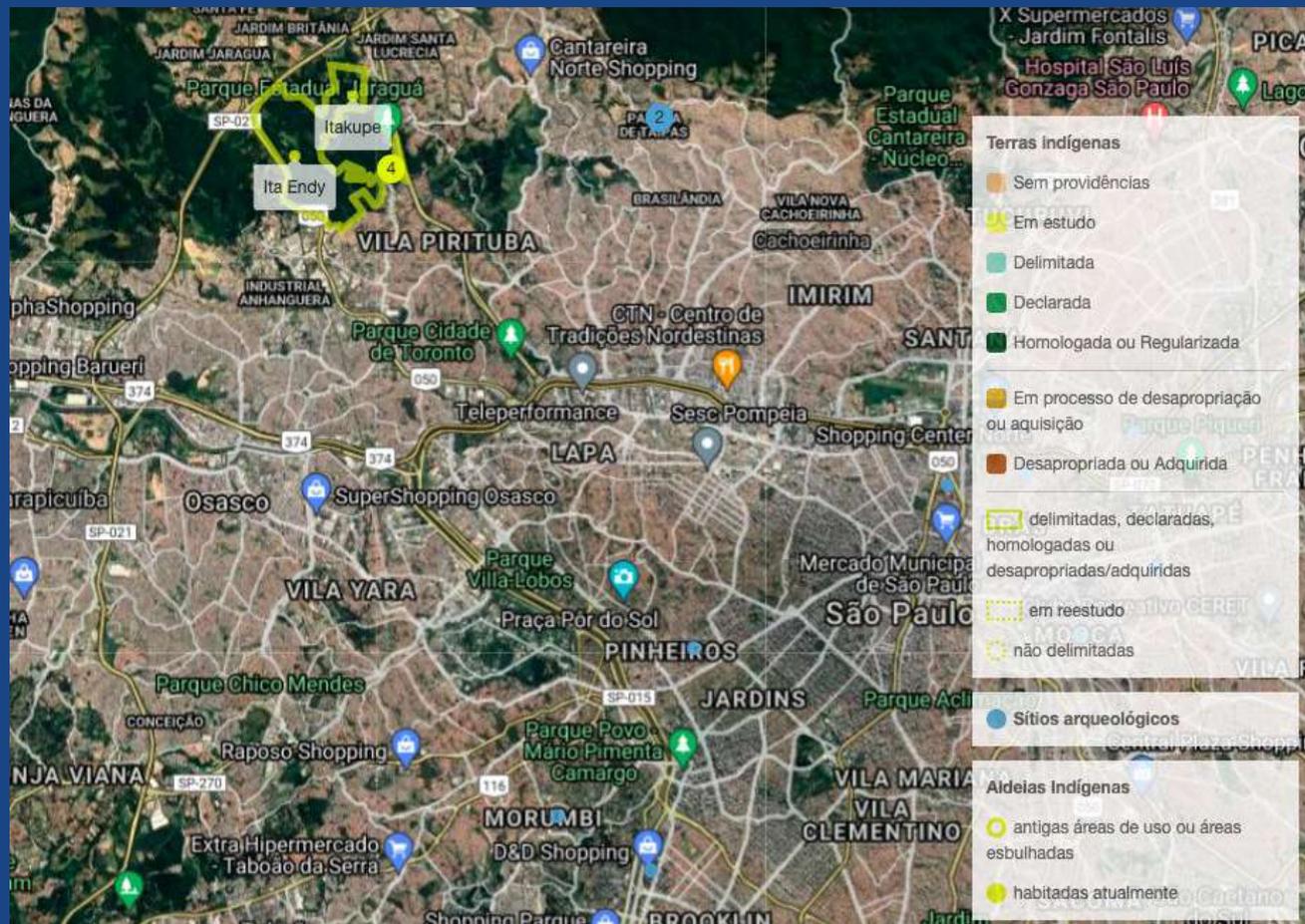
Mapa aproximado situando os povos guaranis na América Latina



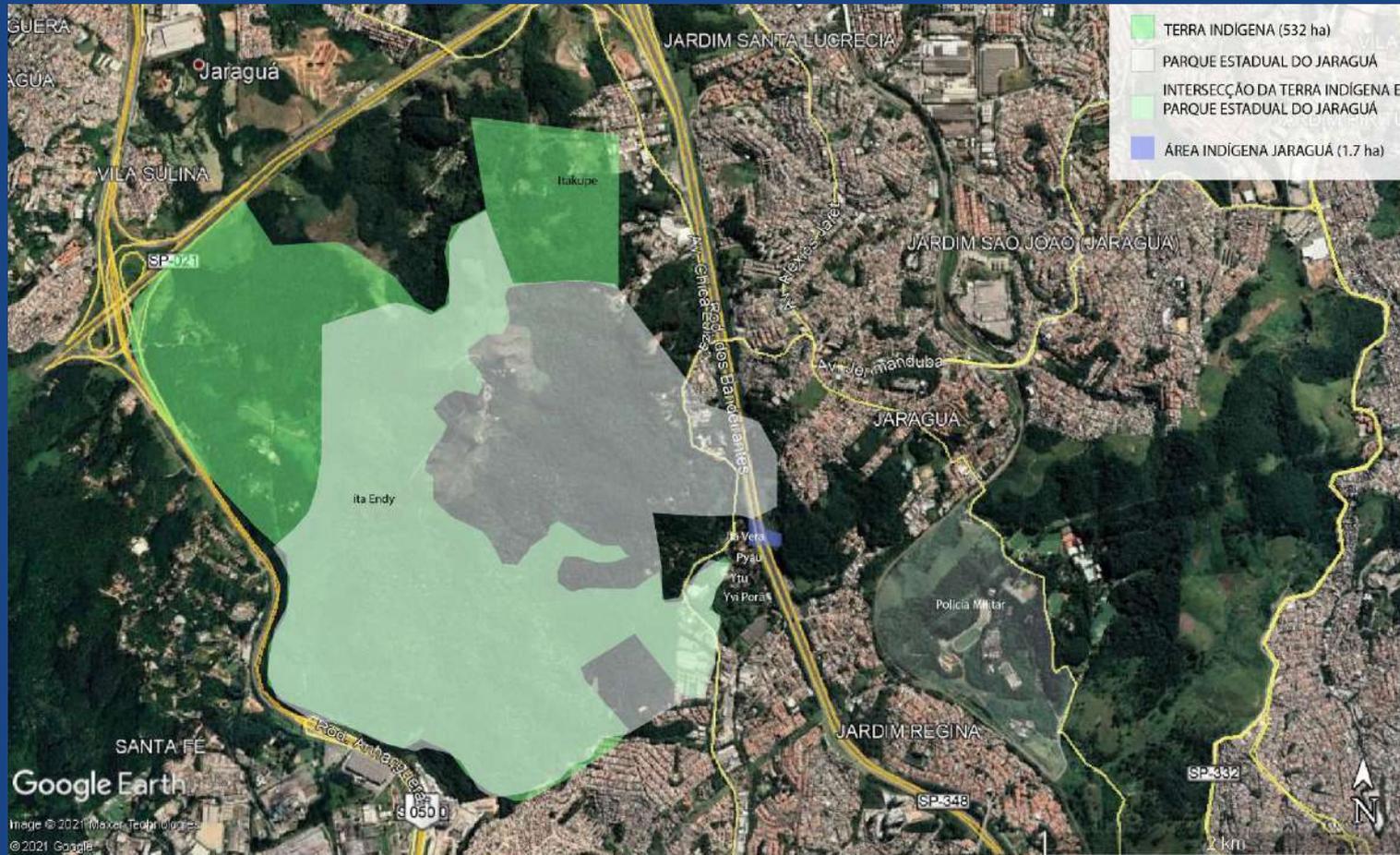
Mapa guaranis em São Paulo



Mapa guaranis em São Paulo



Mapa demarcação da terra



Breve histórico do Jaraguá



Tekoa Ytu foi a primeira aldeia constituída no Jaraguá.

Criada em 1966, com a vinda do casal Jandira Kerexu Augusta Vinicius Guarani e Joaquim Kuaray Augusto Martins Guarani e seus oito filhos.

O espaço conseguiu se consolidar como aldeia e atrair cada vez mais guaranis que reconheciam o local como espaço de resistência. Regularizada em 1988 como terra indígena com dois hectares, Tekoa Ytu foi ao mesmo tempo ganhando direitos e adensando sua população.



A aldeia Tekoa Pyau se encontra hoje no local em que José Fernandes construiu sua casa e mantém ainda relações próximas com a Tekoa Ytu, tanto pela contiguidade geográfica quanto pelas relações familiares e socioculturais. Ou seja, apesar de serem duas aldeias na TI (Terra Indígena) do Jaraguá, cada uma mantém sua independência, ambas com seus respectivos caciques e casas de reza.

o que acontece quando a cidade entra na floresta ?

Trazer a floresta para a cidade.

Reaprender a morar

Reconciliação

Compreender a dinâmica, o conflito, o confronto o tempo todo com a cidade

O que tem de cidade no Jaraguá e o que tem de Guarani no Jaraguá?

Como se dá o modo de vida guarani em aldeias que mantêm aspectos urbanos fortes em sua constituição?

questionando assim se podem ser consideradas "aldeias urbanas"

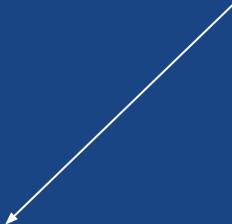
A cidade invade

relação com a terra



MORAR

arquitetura



coletividade / cultura

coletividade/ cultura

Aldeia Guarani – contexto urbano



TI Jaraguá densidade de 1,1 hab/ha

“Já temos um problema grande aqui, que são muitas crianças com problemas respiratórios, e ainda retirando a vegetação a qualidade do ar fica pior”, reclama David Karai Popygua, morador de Tekoa Ytu.

“o povo Guarani, depois de tanto tempo de contato, consegue manter sua língua, sua cultura, sua cosmovisão, sua sabedoria e sabem que “não é sendo igual ao juruá que a gente vai conseguir aprender a viver”.

<http://fneei.org/2017/09/13/guarani-ocupam-parque-estadual-do-jaragua/>

Aldeia Guarani – contexto urbano



Um contato agressivo e não planejado com a selva de pedra causa um estrago no nosso 'emocional', no nosso 'psicológico', no nosso 'físico' e também no nosso 'espiritual'."

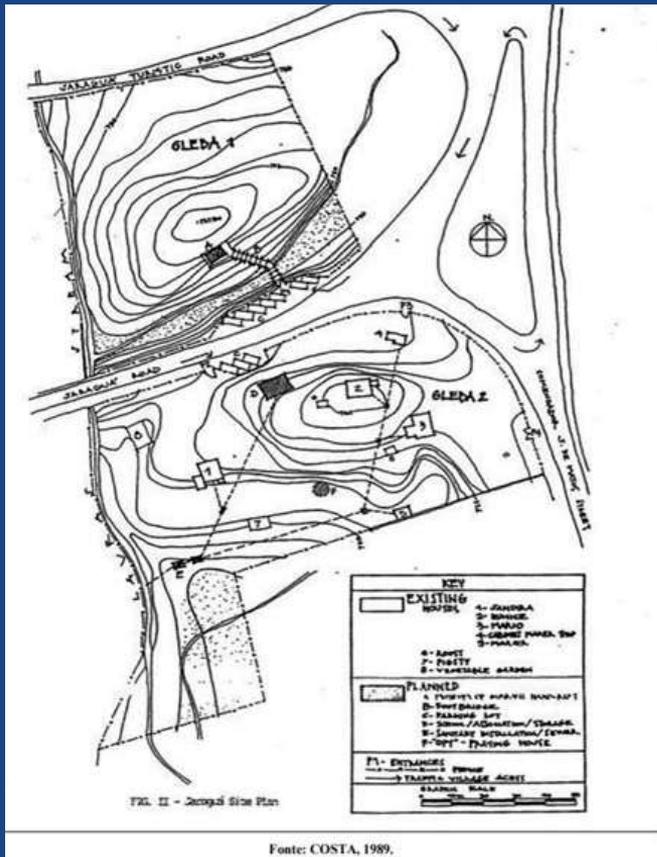
Thiago Henrique Karai Jekupe

Conflitos de interesse entre agentes sociais diversos, sejam ruralistas, agentes imobiliários, trabalhadores, comunidades tradicionais

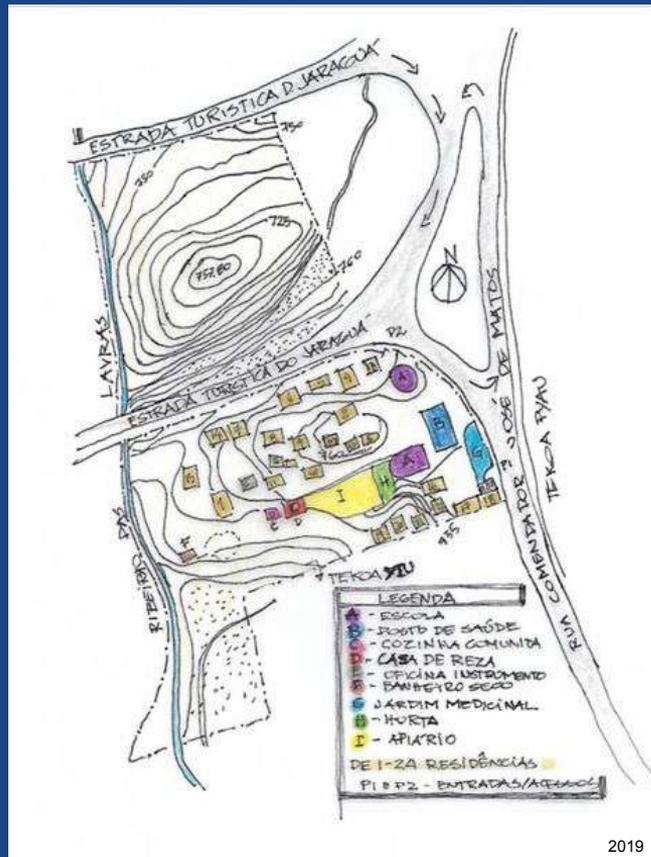
Pessoas que defendem o meio ambiente e os moradores das aldeias Guarani do Jaraguá onde plantaram centenas de mudas no terreno em que a construtora Tenda derrubou milhares de árvores durante a semana.

Foto Elineudo Meira-<https://fotospublicas.com/ato-com-moradores-das-aldeias-guaranis-do-jaragua/>

“sem tekoa não há teko, sem território não há vida guarani”



Fonte: COSTA, 1989.



2019

As Aldeias para o povo Guarani são chamadas “Tekoas” – de Tekó, que significa “modo de vida Guarani”. Sem Tekoa não há Tekó.

A presença dos espaços comuns demonstra uma forma de assentamento muito própria das aldeias Guarani. Espaços abertos e compartilhados, cozinha coletiva, casa de reza, são alguns dos locais presentes na Tekoa Ytu e garantem o caráter da aldeia como tal



Aldeia Itakupe



<https://www.aldeia360.art.br/>

Casa de Reza - Opy



A gente "vãmu" mostrar
um pouquinho de Casa de Reza.

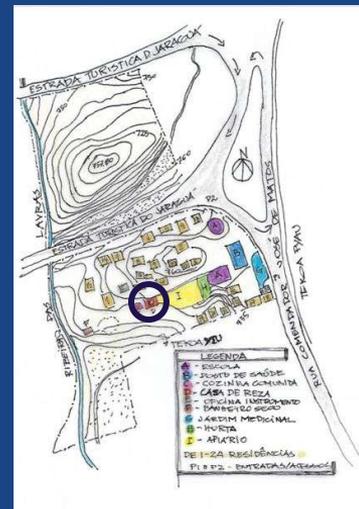


Aqui a gente dança, canta, reza.



É o "Xamõi" (líder espiritual), faz oração.

O local onde é erguida uma Opy (casa de reza) torna-se um lugar sagrado que marca o território Guarani, mesmo quando a construção física se acaba, a Opy continua existindo.



“As crianças indígenas não são educadas, e sim orientadas ... o indivíduo conta menos que o coletivo”
Ailton Krenak



Existe uma enorme valorização das crianças pelos Mbya, já que elas são consideradas seres sagrados de luz, puras como as árvores, e são elas uma das bases da vida que continuará o ciclo de sobrevivência Guarani – e portanto há uma preocupação em manter os jovens inseridos na cultura indígena.

Além das crianças, a base da vida para os Guarani são “Yvy” (a terra), “Kaguy” (a natureza, a floresta), “Xeramoi” (anciões) e “Txedjaryi” (anciãs).

“Antes da criança entrar no Fundamental I, ela só vai falar Guarani e vai aprender só coisa da nossa cultura. Não vai pegar em lápis, não vai escrever, não vai fazer coisa do juruá”, afirma David



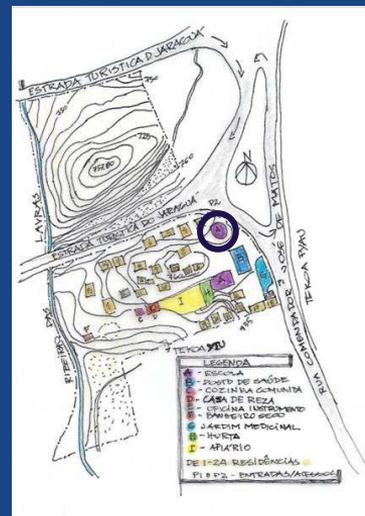
Tekoa Pyau que está o Centro de Educação e Cultura Indígena

O CECI foi criado pela Secretaria Municipal de Educação através de um decreto de 2004, crianças de 0 a 6 anos

atividades, são oferecidas oficinas de artesanatos, cantos, danças, culinária e agricultura.

<http://bebesdosalete.blogspot.com/2015/11/visita-ao-ceci-centro-de-educacao-e.html>

As aulas não necessariamente se dão entre quatro paredes porque o contato com a natureza é também importante no processo pedagógico



Escola Estadual Djekupe Amba Arandy, dentro de Tekoa Ytu

A escola foi construída em 2001 e reconhecida como escola estadual indígena via decreto já no seu primeiro ano de vida, atualmente contemplando Fundamental I e II, Ensino Médio e até a modalidade EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Além do Português, aprendem a escrita da língua Guarani e têm matérias como Cultura Étnica.

Aprendem sobre plantio, as fases da lua, entre outras coisas que fazem parte da cultura indígena.

E.E. Djekupe Amba Arandy [Imagem: Reprodução/Facebook]

“Os Guarani não arrancam a pedra para fazer caminho; nós desviamos dela, porque a terra tem um equilíbrio. Enxergamos que cada ser da natureza complementa um ao outro para que todos existam.”



Nas palavras de Manoel Lima, da aldeia Tenondé Porã, “a fase da lua diz muito. A cana de açúcar, por exemplo, a mandioca, tem que plantar na lua cheia. [...] A gente faz isso, a gente tem esse tipo de conhecimento porque de modo geral a gente não usa veneno para espantar bicho. Na cabeça do guarani nunca entrou e nunca existiu esse tipo de atacar bicho com veneno. Então essa é nossa sabedoria de ter essa parte de cuidar das plantas.”

o conteúdo da terra constitui parte integrante do corpo, expressa na íntima relação homem-natureza que embasa a cosmologia Guarani. Na concepção indígena a terra é, portanto, “o próprio cosmos, vida e morte, corpo e espírito, peixes e estrela se encerram nela” (Castro de Oliveira, 2006. Pg. 93)
“A terra é um espaço religioso, sagrado, de ocupação coletiva, da produção cultural.” (Brighenti, 2010. Pg. 262)

<https://noticias.r7.com/sao-paulo/indios-deixam-pico-do-jaragua-com-acordo-apos-tres-dias-de-ocupacao-16092017>

“Se as divindades enviaram brancos e índios para a terra
o fizeram com algum propósito”

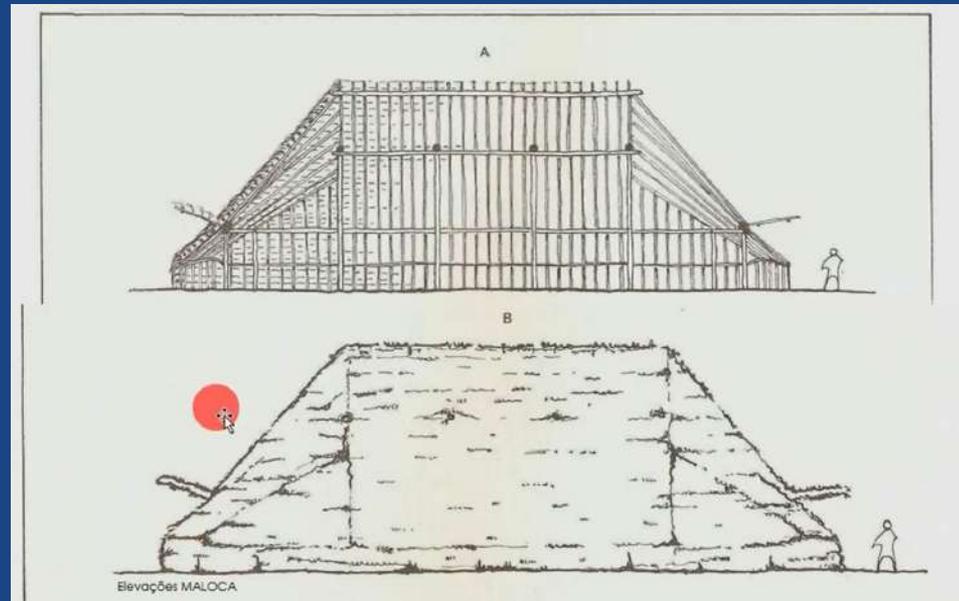
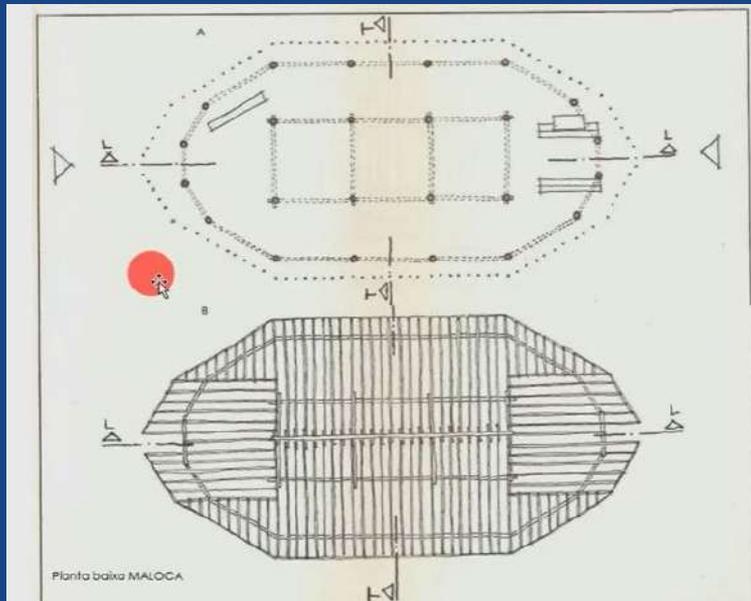


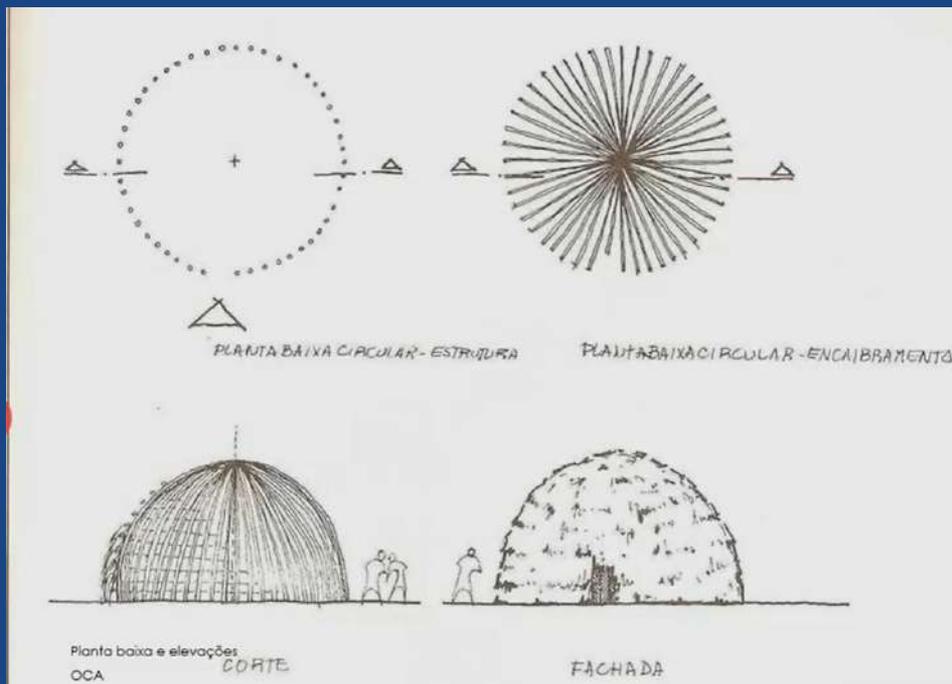
Mesmo os mais velhos dizem que hoje é preciso saber seguir pelos “dois caminhos”, é preciso apropriar-se do conhecimento dos brancos, para se defender dos seus ataques, e é preciso cultivar os seus próprios conhecimentos, para não se distanciar do destino que lhes foi colocado pelas divindade

<https://horadopovo.com.br/mpf-defende-devolucao-das-terras-para-indios-do-jaragua/>

arquitectura

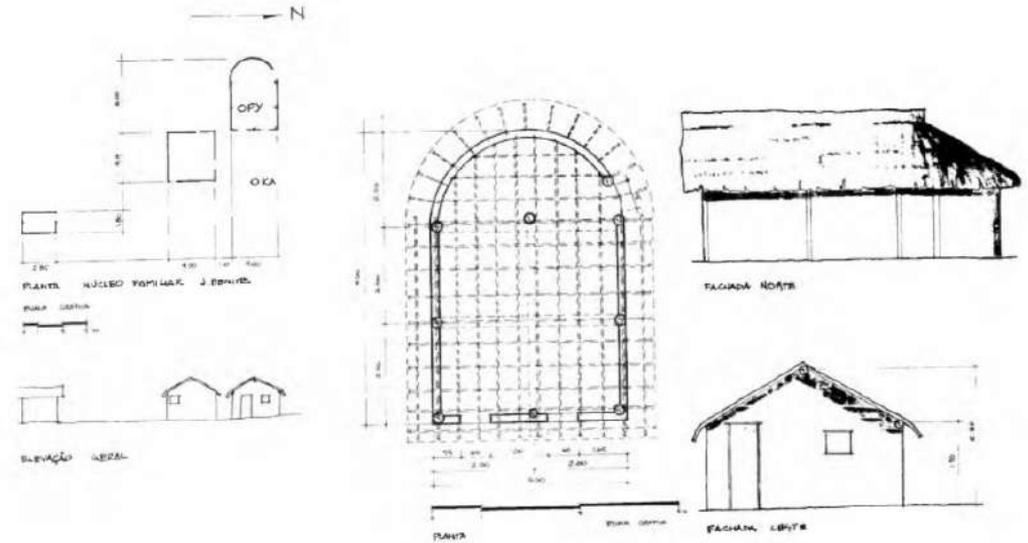
maloca





- O sistema construtivo guarani baseia-se em um equilíbrio estático dos esteios, cujas forquilhas apóiam os frechais e espigões que suportam o peso de toda cobertura
- Todas as peças descarregam o peso verticalmente e encontram-se simplesmente amarradas, assim como o conjunto da cobertura, por ilanas e cipós.

Fig. 5
Levantamento de casa guarani tradicional de planta ortocircular. Opy de J. Benites (sem escala).
Desenho de Rui Aibo.



Pós - R. Prog. Pós-Grad. Arquit. Urb. FAULSP.
São Paulo n.4 p. 113-130 dez. 1993

122

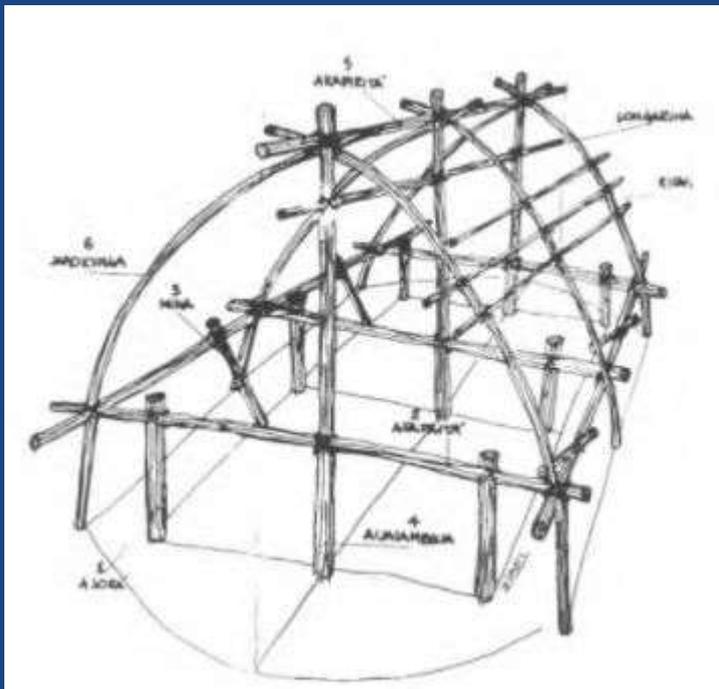
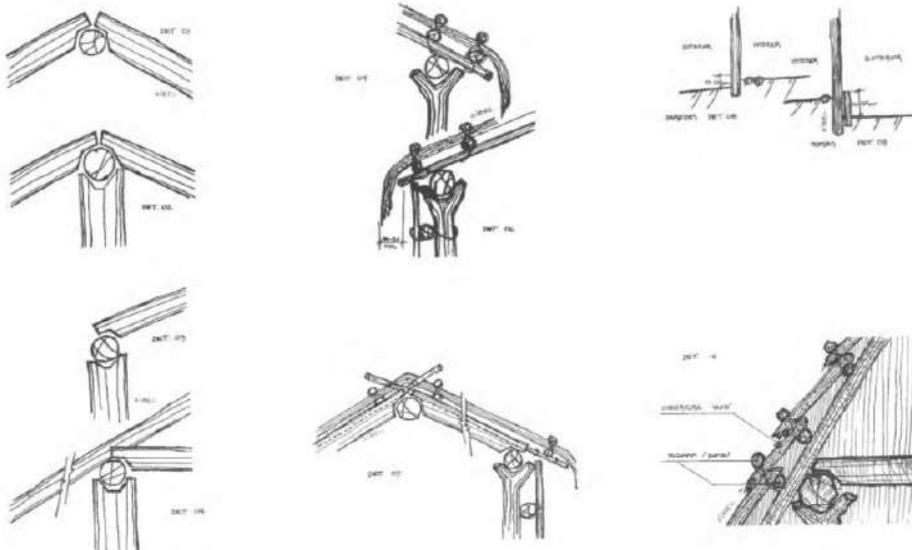


Fig. 6
Detalhes construtivos tradicionais (det. 01 a 10). Os números correspondem à marcação no croquis da Fig. 4 (sem escala).
Desenho de Carlos Zibel Costa



Arquitetura Jaraguá atual



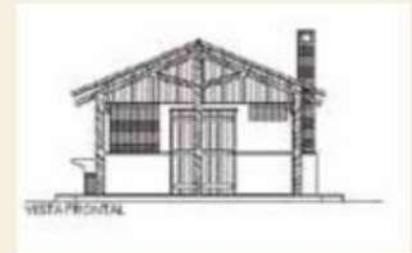
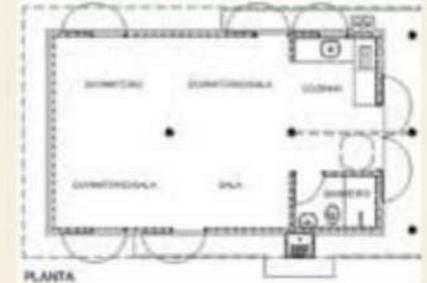
imagens do Tekoa Ytu, 2019

Arquitetura Jaraguá

- Reunião com a comunidade indígena beneficiada na própria aldeia, para apresentação do programa e das tipologias habitacionais pré-selecionadas pela CDHU e compatíveis com a cultura indígena.
- Num segundo momento, a própria comunidade decide sobre a escolha da tipologia definitiva, com abertura para sugestões de alteração de projeto. A implantação das novas moradias também segue indicação da comunidade, salvo limitantes técnicos contrários

PROJETO

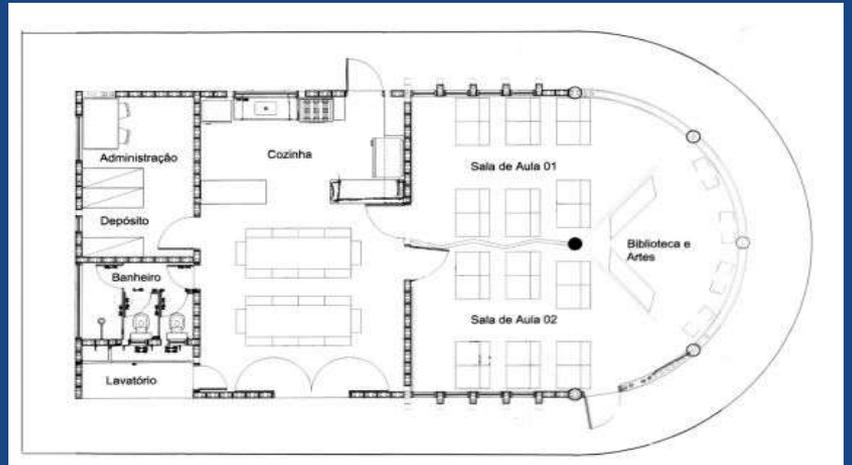
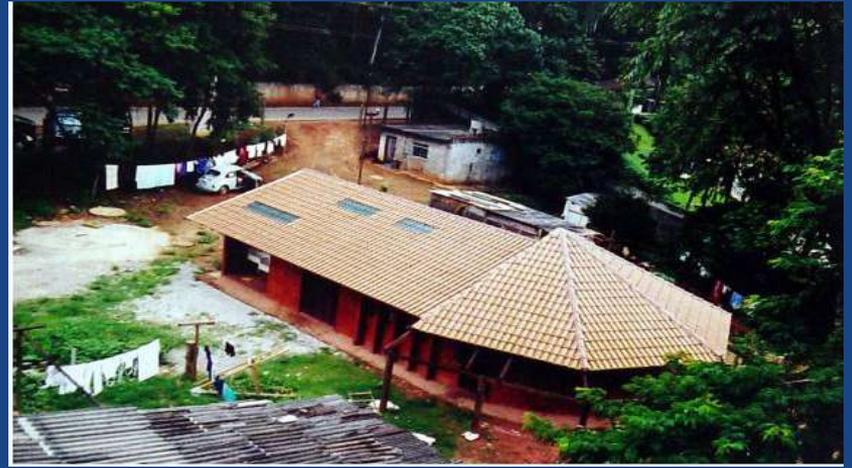
Tipologia	Guarani - área 45,62m ²
Programa	quartos e sala integrados, cozinha e banheiro
Materiais	alvenaria e telha de barro
Nº de UH	5
Situação implantação	concluído



Projeto do CDHU de 2001,
casa entregues em 2002

Escola no Jaraguá

- Em 1999, no primeiro ano do projeto, que ainda não estava oficializado junto à extensão da USP, participavam somente estudantes de arquitetura, que desenvolveram, junto com a comunidade da Tekoa Ytu, o projeto arquitetônico para a escola Djekupe Amba Arandu, em diálogo com a Fundação para o Desenvolvimento da Educação do estado de São Paulo (FDE-SP), que foi o agente executor
- A escola contempla ambientes para duas salas de aula, biblioteca, cozinha, refeitório, administração, depósito, banheiro e lavatório
- A escola utiliza materiais aparentes, como madeira e tijolo. A parede semicircular foi delimitada com pau-a-pique e a luz natural ingressa na biblioteca por uma abertura na cobertura



relação com a terra

Processo de demarcação:

- primeira demarcação – 1987: 1,7 hectare (Ainda assim, pesa sobre ela um processo judicial de reintegração de posse movido pelo ex-deputado federal Tito Costa)
- A área foi reconhecida pela Funai como TI em abril de 2013, depois de 22 anos de pesquisa e estudo
- Portaria 581/2015: que reconhecia como legítima a reserva indígena do Pico do Jaraguá e previa a demarcação de 512 hectares
- Portaria 683/2017: revogou a anterior e reduziu a reserva aos 1,7 hectare de antes

“Ao revogar a demarcação de 500 hectares para a TI Jaraguá, Temer atendeu aos interesses do governo estadual de “viabilizar seu projeto de concessões de Parques Estaduais para exploração da iniciativa privada”

Os 1,7 hectare são hoje reconhecidos como **Terras Indígenas Tradicionalmente Ocupadas** em duas fases **Regularizadas e Declaradas**



“Não negociamos terra. Terra é território sagrado p’ra gente. Não negociamos um metro, um centímetro, porque ela é nossa mãe. Mãe ninguém negocia. A demarcação já foi feita, temos nosso território e lutamos por ele”

<https://www.adusp.org.br/files/revistas/62/03.pdf>

Carta Tenonderã:

Uma das estratégias políticas dos guarani hoje, é a organização e mobilização das comunidades em espaços de manifestação, a Carta Tononderã foi lançada na Assembleia Legislativa de São Paulo no dia 25 de fevereiro de 2010. **Com o objetivo de apresentar o posicionamento e propostas dos Guarani sobre as temáticas de meio ambiente, educação, saúde, esporte, cultura e território.**

Os Guarani Mbya se colocam como conhecedores da Ka'aguy ovy (Mata Atlântica), tratando-a com respeito e reconhecendo o local como espaço sagrado. **No documento fica claro como a espiritualidade é fundamental na fala dos Guarani.**

Guarani é um grande conhecedor da Ka'aguy ovy, que o Juruá, o não índio, chama de Mata Atlântica. A Ka'aguy ovy é um espaço sagrado, é a morada de Nhanderu, o criador da vida.
-Trecho da Carta Tenonderã



<https://conexaoplaneta.com.br/blog/os-guarani-mbya-desocupam-terreno-mas-continuam-em-vigilia-acao-de-reintegracao-de-posse-foi-pacifico-mas-nao-concluida/>

Conflitos que envolvem a relação com a terra Guarani no Jaraguá:

- **Adensamento populacional:** a densidade de 1,1 hab/ha é a maior entre Terras Indígenas no Brasil, o que pressiona as infraestruturas de saneamento básico e serviço público

- **Escassez e distância da mata:**

“é importante ter em vista que a cultura Guarani está intimamente ligada à natureza. O conhecimento das estruturas do meio ambiente se torna intrínseco ao modo de vida e, para tanto, deve-se respeitar o tempo dos ciclos naturais. Nota-se também que o conhecimento da natureza é expresso na educação e na espiritualidade indígena e estes são fatores importantes na constituição da sociedade indígena como um todo”.

- **Especulação imobiliária** (intensificada a partir da década de 1990): recentemente a prefeitura de São Paulo autorizou a construção de empreendimento imobiliário no Parque Estadual do Jaraguá, serão 11 torres com 800 unidades de apartamentos. Segundo a prefeitura, o perímetro objeto da aprovação é classificado como Zona Especial de Interesse Social (ZEIS) — com vegetação já demarcada como bosque — e não está sobre área indígena, não sendo necessária consulta a órgão de defesa de direitos indígenas.

“Estão construindo um empreendimento no lugar da reserva sem consultar os povos indígenas, não houve audiências públicas, estudo de impacto ambiental. Querem tirar os indígenas dali para dar lugar a um projeto imobiliário de alto padrão”, denuncia a ativista Rosa Eleuterio.

- **Construção do Rodoanel Mário Covas** (afeta diretamente as aldeias Tenondé Porã e Krukutu): além do impacto ambiental – refletido na biodiversidade e na qualidade sonora – a obra viária acentuou a especulação e a ocupação irregular. A compensação dos impactos da rodovia pela empresa Dersa não foi realizada, apesar da exigência legal

- **Poluição dos rios e cachoeira / Lixo / abandono de cães**

Rios



Zoneamento



QUALIFICAÇÃO	TRANSFORMAÇÃO
ZCs	ZEU
ZC	ZEU
ZCa	ZEUa
ZC-ZEIS	ZEUP
ZCOR	ZEUP
ZCOR-1	ZEUPa
ZCOR-2	ZEM
ZCOR-3	ZEM
ZCORa	ZEMP
ZM	PRESERVAÇÃO
ZM	ZPR
ZMa	ZPR
ZMIS	ZER
ZMISa	ZER-1
ZEIS	ZER-2
ZEIS-1	ZERa
ZEIS-2	ZPDS
ZEIS-3	ZPDS
ZEIS-4	ZPDSr
ZEIS-5	ZEPAM
ZDE	ZEPAM
ZDE-1	ZEP
ZDE-2	ZEP
ZPI	ZOE
ZPI-1	ZOE
ZPI-2	PRACASE CANTEIROS
CLUBES	Praça/Canteiro
AC-1	
AC-2	

Considerações

Na entrevista feita com Sônia Ara Mirim, moradora da aldeia Ytu em São Paulo, foram discutidas duas visões contrapostas de territorialidade.

O conceito de territorialidade apresentado remete à uma espacialidade ampla e integrada, abrangendo diversidades étnicas e culturais, enquanto que o conceito de terra se mostra limitado fisicamente por uma fronteira política.

Aqui [Cidade de São Paulo] é Território Guarani. Terra Indígena Jaraguá, que é aqui. Mas tem todo território, tem um amplo, uma coisa mais grande. Não tem fronteira. Argentina é território, Paraguai é território, Uruguai, Bolívia, são territórios indígenas. Que podem viver vários povos dentro do território (Ara Mirim, 2019).

G - Você considera a Aldeia Ytu uma aldeia urbana?

S - Não! Não, porque o urbanismo não chegou primeiro, a aldeia sempre existiu aqui. Aliás, não é a aldeia. As populações indígenas sempre viveram aqui. Na época da invasão, que aqui no parque era uma casa de um bandeirante, 1530, 1550, aqui já viviam comunidades indígenas. Então a terra, que nem a gente sempre foca, que São Paulo é uma terra indígena. Não importa se tem prédio, se tem asfalto, sempre vai ser. Não tem como mudar essa situação. Construíram cidades dentro de terras indígenas. Então aqui eu não considero urbano. Aqui não é uma aldeia urbana. A urbanização que chegou. A comunidade sempre esteve. Eu considero sim uma terra indígena, Terra Indígena Jaraguá. Terra Indígena Tenondé Porã. Terra Indígena Rio Silveira. Terra Indígena Boa Vista, em Ubatuba. Porque toda São Paulo, todo litoral, tudo, o Brasil inteiro, é uma terra indígena. Sempre foi.

Quando chegou o colonizador, ele se apoderou de terras indígenas, se apoderou dessas terras. Então eu não considero a Terra Indígena Jaraguá como uma terra indígena urbana. Não vejo isso como uma terra urbana. É terra indígena e pronto! É diferente das outras comunidades? É. E por que? Porque a urbanização chegou e tirou, acabou. Não tem como

não ver, aqui era para ser muito diferente. Não ter casa de alvenaria, ter a floresta preservada, muitas coisas, só que o tal colonizador destruiu. Então nós temos que viver dessa forma que se diz urbano, mas não é urbano.

Próximos passos

- visita para entender a comunidades, conflitos e as disputas
- a partir dessa pesquisa e da constatação da situação precária e insalubre da comunidade na região do Jaraguá, propor algo que atue como uma reconciliação utópica entre a cidade e a natureza.